

MAÍRA: (RE) SIGNIFICANDO O PASSADO DOS ÍNDIOS DA AMAZÔNIA

Vanessa Gonçalves Oliveira (UFJF)¹
Bárbara Ribeiro Daibert (UFF)

Resumo: Darcy Ribeiro desfrutou da particularidade da narrativa ficcional para elaborar uma obra plural e multifacetada na qual o entrecruzamento dos discursos da História e ficção são essenciais para a construção do romance, principalmente na confecção de uma narrativa pluridiscursiva. Em *Maíra*, a compreensão do mundo indígena se dá através das múltiplas identidades representadas por diversas vozes atuantes na construção histórica da figura indígena brasileira. Desta forma, neste trabalho, apresentaremos a relação intrínseca entre a narrativa ficcional e a História, priorizando o papel fundamental da Literatura como reconstrutora de passados silenciados.


Palavras-chave: Maíra; Literatura, História; Índios da Amazônia.

O entrelaçamento dos campos da literatura e da história tem sido o objeto de variados estudos, principalmente, nas últimas décadas, na tentativa de se esclarecer os encadeamentos advindos dessa relação. Sobretudo, por meio de questionamentos sobre as fronteiras e os limites do discurso histórico, muitos teóricos buscaram interpretar o papel e os objetivos a fim de definir o que vem a ser as escritas literárias e históricas no contexto contemporâneo.

A distinção feita por Aristóteles (2001) difere o historiador e o poeta, não apenas pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo escrever em verso, mas sim em razão do historiador narrar o que aconteceu e o poeta o que poderia ter acontecido. Contudo, de fato, no contexto contemporâneo, os estudos da História trilharam novos caminhos, considerando as narrativas literárias como fonte de pesquisa historiográfica. Por essa razão, Sandra Jathay Pesavento declara que:

o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção! (PESAVENTO, 2006, p. 2)

¹ Graduada em Letras (UFJF), Mestra em Estudos Literários (UFJF). Contato: vanessa.litterae@gmail.com. Doutora em Literatura Comparada (UFF), Professora adjunto II no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: barbarasimoes2005@uol.com.br.




A essas questões apresentadas por Pesavento, cabe aos historiadores da cultura depreenderem os significados e significantes – já que entre eles há um crescente interesse pela linguagem – de uma literatura como fonte historiográfica. Para isso, se faz necessário questionar as definições do passado, desconsiderando a crença em um passado fixo e determinável. Além disso, é possível ponderar sobre a perspectiva de se trabalhar com o discurso atentando e questionando-o como uma narrativa feita com base na seleção de certos (documentos) e na exclusão de outros.

Sobretudo, deve-se desconsiderar os paradigmas provenientes do Humanismo e escapar das amarras da História social, uma vez que, para Chartier “a cultura não se situa acima e abaixo das relações econômicas e sociais, nem pode ser alinhada com elas” (Apud, HUNT, 1992, p.25). Ou seja, nosso estudo situa-se nesse novo momento da História, em que não mais interessam as investigações apenas como composições sociais, mas sim, compreendemos que as relações econômicas e sociais são campos de produções culturais (HUNT, 1992).

A História Cultural surge como uma maneira de contrapor a produção historiográfica tradicional, que se baseia nas concepções advindas do Humanismo, o qual determinou que: os estudos históricos têm sólido fundamento no método objetivo e do argumento racional (HARLAM, 2000, p. 13). Com a crise dos paradigmas iluministas, existiu a preocupação em abordar de maneira diferente os “passados”; desta forma, alguns historiadores que determinaram novas formas de interpretar o passado aliaram-se a outras disciplinas, tais como a antropologia, economia, psicologia, sociologia e, nos últimos anos, à crítica literária.

Os debates relacionados à História e à Literatura encontram-se no domínio da Nova História Cultural. Uma das formas através das quais podemos compreendê-los é como “[...] a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (PESAVENTO, 2004, p.80). Portanto, é por meio dessa nova maneira de abordar o passado, que esboçaremos nossos estudos, a todo o momento, conjecturando a precariedade do que é considerado real. Além disso, Pesavento acrescenta:

[...] são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como



discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto” (PESAVENTO, 2003, p. 32).

Com a redescoberta da literatura pelos historiadores, a perspectiva da Nova História Cultural, aliada aos seus estudos da cultura, defende a influência cada vez maior da linguagem em seus aparatos teóricos. E, progressivamente, a linguagem está se tornando o cerne da discussão e questionamentos da escrita histórica. A respeito disso, a historiadora Lynn Hunt declara que “uma tendência fundamental de ambos² parece atualmente fascinar os historiadores da cultura: o uso da linguagem como metáfora” (HUNT, 1992, p. 21).


Antes de deprendermos os sentidos da linguagem como metáfora, é necessário salientar a relevância da crítica literária para os estudos culturais e, de fato, tentar compreender o que representa o retorno da literatura à História.

Com esse objetivo em mente, gostaríamos de destacar o papel fundamental do pós-estruturalismo para o entendimento da linguagem na contemporaneidade; contudo, é preciso voltar à corrente de pensamento anterior, a estruturalista, para compreender o desenvolvimento de ambos os pensamentos.

Embora ainda exista todo um discurso ideológico europeu sobre a escrita historiográfica, sendo desempenhada de maneira objetiva e determinante, compreendemos, contudo, que esta, assim como a escrita literária, apresenta-se fragmentada. “[...] os resíduos, restos, ruínas, se fazem presente em narrativas “menores” e trazem possibilidades de releituras do passado, ressignificando o próprio conceito de história” (JUNIOR; DAIBERT, 2011, p.2). Na procura por um caminho que melhor representasse *um* Brasil, o antropólogo Darcy Ribeiro desfrutou dessa particularidade das narrativas “menores”, ao contar a trajetória do índio na civilização brasileira. Para isso, foi necessário entrecruzar os discursos da história e ficção, ressignificado o passado.

A literatura se introduz nos campos que não acatam os regimes de verdade dos outros saberes e discursos, já que ela gera tanto incômodo em quem detém o poder e quer propagar suas “verdades” históricas. Pretensas histórias oficiais, definitivamente,

² A autora se refere aos modelos antropológicos e literários.



não se afinam com a história que a literatura pode contar. Ao retratarmos a relação da Literatura e a História, gostaríamos de demonstrar que há outras possibilidades interpretativas do passado, uma vez que este não é fixo nem determinado por uma única história concebida como oficial.


Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento. (FOUCAULT, 1996, p.14)

Por meio de suas obras, Michel Foucault buscou se desvencilhar das convenções da interpretação e escrita filosófica e histórica para extrapolar seus limites. Os estudos foucaultianos podem ser considerados a partir de três campos de problematização, são eles: o saber (a arqueologia do saber), o poder (a genealogia do poder) e a subjetividade (genealogia da ética). Contudo, para nós, nesse momento interessam-nos os estudos relacionados à problemática do poder.

Em seu artigo *A História da cultura de Michel Foucault*, Patricia O'Brien observa que o estudo de Michel Foucault a respeito da história da civilização ocidental concentra-se no princípio organizador do poder, de fato, devemos compreender que a cultura ordena-se a partir das tecnologias do poder. Contudo, não podemos limitar a origem do poder à política ou à economia – assim como faziam os historiadores marxistas –, já que essas instâncias representam apenas peças da maquinaria (poder).

O poder não só reprime, mas também cria. Dentre todos esses aspectos, o mais polemico de todos é a constatação de que o poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação. Cabe aos historiadores identificar essa produção de verdade como uma função de poder. (O'BRIEN, 1992, p. 46)

Diante disso, podemos compreender que a literatura pode não só denunciar essas “formas de hegemonia” (Estado, política, economia), como também colaborar no trabalho de desvincular delas “o poder da verdade”. Igualmente, se pensarmos na História dos regimes autoritários, por exemplo, observamos que os escritores e também outros artistas, em geral, são os primeiros a serem perseguidos e exilados, uma vez que esses intelectuais lutam contra as estruturas de poder dominantes. Não deixemos de citar



o próprio exemplo de Darcy Ribeiro, que foi exilado por longos períodos do Brasil, quando país sofreu o golpe militar de 1964.

Como podemos ver, a leitura de Foucault (1996) marca um posicionamento em relação ao discurso que contribui muito para as reflexões da História Cultural. A partir da sua perspectiva, compreendemos que as narrativas contemporâneas – como é o caso de nosso objeto de estudo – não procuram a legitimação do discurso oficial; pelo contrário, contribuem para a ruptura da História oficial em prol das narrativas menores/esquecidas, considerando-as como releituras do passado.


Darcy Ribeiro utiliza-se da linguagem metafórica ao contar a história dos índios da Amazônia brasileira através da sua cosmogonia entrelaçada aos habitantes civilizados inseridos nas tribos.

Podemos entender que, a partir da miscelânea romanesca, Darcy Ribeiro recria um dado passado brasileiro que foi rejeitado e esquecido pela historiografia. Estamos falando sobre a origem da nossa civilização e o papel crucial do índio – e também do negro - no processo de desenvolvimento da identidade cultural brasileira.

Para entender a narrativa é preciso observar que Darcy Ribeiro utiliza elementos pós-modernos assim como a metaficção historiográfica, ao levantar dúvidas sobre um passado fixo e determinado pelo colonizador. Podemos observar a representação do passado marcada como inacabada, como um problema a ser construído, assim, os questionamentos apresentados na sua obra são os mesmos da historiografia contemporânea e que são discutidos por Linda Hutcheon (1991). Contudo, temos que destacar que o romance *Maíra* não é uma obra de metaficção historiográfica, não no que se refere à metadiscursividade, já que os personagens não questionam a tessitura textual.

Entretanto, vale dizer, sobre o conceito de metaficção historiográfica, cunhado por Linda Hutcheon no livro *Poética do Pós-modernismo* (1991). Nele, a autora vai discutir a problematização da história através do Pós-modernismo. Uma das questões levantadas por Hutcheon é o fato de o pós-moderno não ser uma abordagem anistórica ou desistoricizada, mas sim levantar questionamentos acerca dos pressupostos desenvolvidos pelo conhecimento histórico. Assim, caracteriza-se pela apropriação de personagens e/ou fatos históricos, problematizando a ideia única de verdade.

A autora também diferencia o modernismo e pós-modernismo destacando as características consideradas pós-modernistas, tais como subverter as convenções



realistas através da ironização constante, mas não as rejeitar, como foi feito pelo modernismo. Levantar a problematização e não a demolição do pensamento. Além disso, o pós-moderno desafia o pressuposto humanista de um eu unificado e de uma consciência integrada, vai contra a noção de originalidade e de autoridade autoral, sem dissociar o estético do político. A autora conclui, que apesar do tom apocalíptico trata-se de uma autorreflexão cultural que se desafia e questiona, sem causar seu colapso.


Dessa maneira, entendemos que a metaficção historiográfica é uma narrativa pautada num interesse de autorreflexão sobre um dado acontecimento histórico, resultando no questionamento das pretensas verdades históricas diferentemente do romance histórico que apenas se apropria da temática histórica sem passar pelo cerne da autorreflexão.

[...] é um empreendimento cultural contraditório, altamente envolvido naquilo que procura contestar. Ele usa e abusa das próprias estruturas e fatores que desaprova. A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição irresoluta. (HUTCHEON, 1991, p. 142)

Nessa perspectiva, a literatura é concebida como problematizadora da história, sobretudo, dessa história dita oficial, construída a partir do olhar europeu civilizado e imperialista e se faz através da construção da narrativa matuta que procura mostrar que existem muitas verdades no plural, distanciando-se do romance histórico, que se preocupa com a dicotomia entre verdade e falsidade.

Durante todo o século XIX, a produção literária foi construída através do romance realista que, em geral, tinha como pressuposto de que a “realidade” era algo invariável e determinado, e que o sujeito tinha sua natureza precária como herança intransponível. Assim, temos narrativas que trabalhavam com o contexto urbano contemporâneo através da narração de costumes. Portanto, o romance realista não concebia as interações sociais como ambíguas ou múltiplas.

Já na obra *Maíra*, os acontecimentos baseados, fundamentalmente, nas tradições culturais da tribo *mairum*, é que permitem a sustentação para a construção de um “novo olhar” sobre os períodos de colonização e pós-colonização do Brasil. No romance, é



possível observar a quebra do discurso imperialista europeu com as muitas reflexões feitas pelos personagens que criticam a relação do branco com o indígena, ressaltando o forte interesse em monopolizar as terras, a cultura e a identidade em prol da civilização.

Nesse sentido, no romance, temos a retomada do passado e também presente dos índios da Amazônia, que é vista sobre a concepção do índio, nesse caso, pela fala do personagem principal o índio Avá/Isaías que quando interpelado sobre a ausência dos índios daquele mundaréu de terras em volta do rio Igarapé, primeiramente, busca explicar o fato através da mitologia “- Ah! Não desapareceram não. Segundo pensamos eles andam por aí mesmo: manons.” (RIBEIRO, 2007, p. 182). Contudo, em tom triste e sério, retoma a explicação:


- A verdade é que acabaram. Acabamos. Doença foi talvez o que matou mais gente, depois trabalho. Custou muito os mairuns aprenderem a se refugiar na sua própria vida. A não aceitar nada. A evitar todo contato. No princípio todos queriam ser caraíbas. Mais tarde, cada nova geração queria evadir da tribo para a vida com os brancos. (RIBEIRO, 2007, p. 182)

Apesar de inicialmente buscar na fabulação a explicação para o desaparecimento de tantos povos indígenas, Avá/Isaías sabe profundamente que na verdade seu povo e tanto outros estão sumindo devido ao contato com os brancos, já que foram brutalmente dizimados por estes no período de colonização e hoje são retirados das suas terras por causa dos interesses dos latifundiários.

Como já discutimos anteriormente, recuperar acontecimentos considerados passados através da obra de arte, no caso, um romance, acarreta em polêmicas distintas, uma delas é justamente revirar e ressignificar o passado, uma vez que, na maioria das vezes, tal diálogo representa a descoberta de novas verdades, que até então, não eram reveladas, devido às relações de interesse de poder de grupos específicos.

Nesse sentido, tratando-se do espaço amazônico, temos uma discussão sobre o interesse capitalista sobre a vasta terra. Em *Maira*, podemos discutir tal questão através da passagem:

Homem sabido de astuto, aquele. Abriu meus olhos para o que estava aí na minha cara e nem eu nem ninguém nunca houvera visto. Com ele aprendi que a única riqueza grande, verdadeira, do Iparaná é esse mundão de terras inacabáveis. No dia em que forem desvestidas da mataria e transformadas em pastagens, serão o maior criatório de gado do Brasil. (RIBEIRO, 2007, p. 281)



Em uma das comemorações do descobrimento do Brasil, na missa de 500 anos, Jerry Adriani Santos de Jesus, índio da etnia Pataxó, depois de “invadir” a celebração com um grupo de aproximadamente 40 índios, faz um discurso de protesto contra a violência vivida pelos índios no Brasil, mais do que isso, denuncia o esquecimento da história, identidade e cultura indígena. Tal comportamento é sintomático, revela o descaso e o discurso ideológico que levam a apagar os índios da nossa história.


Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturação, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão.

Hoje, querem afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do Descobrimento.

Cravando em nossa terra uma cruz de metal, levando o nosso monumento, que seria a resistência dos povos indígenas. Símbolo da nossa resistência e do nosso povo.

Além de denunciar o esquecimento da história, identidade e cultura indígena, dar a conhecer a omissão da historiografia do índio brasileiro, que sempre se baseou em arquétipos ocidentais no momento de esclarecer o comportamento e a cultura indígena. A história canônica brasileira foi escrita a partir do olhar do vencedor e não dos vencidos. Entretanto, ao retornamos uma narrativa como *Maíra*, temos a chance de outro olhar, a partir da reivindicação dessa mesma obra.

Tal comportamento é sintomático, revela o descaso e o discurso ideológico que levam a apagar os índios da nossa história. Sobre as muitas leituras feitas ao longo da história literária, desde o Romantismo, por exemplo, no qual o índio foi a figura central, temos a representação do bom selvagem, não mais que uma representação pensada e idealizada pelo europeu. Daí, vale lembrar, retomamos leitura que pode ser considerada a narrativa de inauguração de nós mesmos, narrada por um outro, a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha. Trata-se de um documento que tenta retratar e esclarecer de uma maneira “objetiva” para o rei de Portugal, a terra e os habitantes “encontrados”. Em uma das passagens, “Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente” (CORTESÃO, 1967, p. 256), vemos a falsa preocupação em salvar essas almas consideradas ingênuas, devido aos seus costumes culturais. Na verdade, prevalece o



discurso autoritário de encobrimento do Outro implantado pelo mito do “ego” moderno e, igualmente, a dominação feita em “nome de Deus”.


E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou de nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a proposito e fez muita devoção. (CORTESÃO, 1967, p. 234)

O discurso da *Carta*, nosso primeiro documento, foi reproduzido e continua sendo reproduzido ao longo dos anos pelos discursos que envolvem o conhecimento do descobrimento do Brasil. O cenário ainda é o mesmo, uma missa em comemoração daquilo que é considerado o descobrimento das terras tupiniquins. E assim, na *Carta*, os índios, assistem sentados à ladainha, eles não compreendiam a língua dos estrangeiros, mas observaram o ritual e, ao que parece, respeitavam a unção dada à terra descoberta e estavam inclinados á conversão, uma vez que imitavam os gestos dos portugueses durante a realização da missa. De acordo com Silvano Santiago, “A imitação – imitação totalmente epidérmica, reflexo do objeto na superfície do espelho, ritual privado de palavras –, eis o argumento mais convincente que o navegador pôde enviar a seu rei em favor da inocência dos indígenas.” (SANTIAGO, 2000, p. 13).

Novamente, temos somente o olhar do estrangeiro europeu, que ao interpretar os gestos feitos pelos índios, conclui que deveriam ser santificados com a doutrina religiosa e a língua europeia, trabalho realizado pelos jesuítas e os colonizadores durante a segunda metade do século XVI. Assim, os indígenas têm os seus sistemas religioso e linguístico trocados pelo do homem branco, confirmando como vencedor o viés histórico e cultural do estrangeiro dominador.

Voltando ao romance *Maíra*, no capítulo *Exumação*, temos o registro escrito do processo de exumação do corpo da personagem Alma, que foi enterrado pelos índios seguindo suas tradições culturais. Durante a descrição dos fatos, podemos notar um olhar carregado de exotismo em relação aos costumes culturais e ritualísticos dos índios. Uma das passagens que chama a atenção é a seguinte:

O aspecto geral dos índios é bom, bons dentes, exceto alguns banguelas. Boa pele, limpa de sinais de doenças, exceto bexigas em alguns. Uns quantos rapagões daqui dariam excelentes recrutas. São



altos e espadaúdos, como os catarinas, e exibem umas caras abertas, sorridentes, francas, que dão gosto. (RIBEIRO, 2007, p. 223)

Darcy Ribeiro retoma essa mesma discussão, contudo, atualizando para o cenário atual do Brasil, no qual não só os brasileiros como se sentem designados para tomar e possuir as terras que foram atribuídas aos indígenas como também empresários estrangeiros, já que pressupõem que as terras são livres do cultivo estariam abandonadas, merecendo seus donos legítimos, os mesmos que as descobriram, os civilizados.


Afinal, teriam seus donos legítimos estas terras abandonadas desde sempre, por onde, passaram, na ida, olhando, e por onde agora passam, de volta, medindo distâncias, tomando rumos, anotando nomes. Todo este mundão de terras virgens será o chão dos fazendeiros pai-d'égua dos paulistas e dos gringos, sócios de senador. (RIBEIRO, 2007, p. 281)

O mito do descobrimento perpassa por todos os trechos das obras distintas citadas acima. No discurso de 500 anos do descobrimento do Brasil, o índio pataxó o questiona porque sabe da violência vivenciada pelo seu povo. Não só o povo indígena, mas também o povo brasileiro convivem com o silenciamento da sua cultura em prol de uma pequena classe burguesa dominante.

O discurso ideológico sobre o descobrimento das terras é uma tática recorrente do imperialismo europeu. Em *Maíra*, conseguimos perceber que os índios e a sua cultura estão morrendo, no capítulo *Maíra: Remui*, onde há a fala do deus *Maíra*, vemos, por exemplo, nesta passagem:

Nós, os mairuns, estamos acabando. Conosco acaba *Maíra-Monan*, *Mairahú*, *Maíra-Ambir* o nosso criador. Quem começou tudo isto foi você mesmo, *Maíra-Coraci*. Você queria ser só. Aí está você novo e revovado cada dia, como ontem, como sempre. Quem nos salvará? Onde estará o velho *Maíra-Monan*, castrado por você? (RIBEIRO, 2007, p. 258)

Portanto, na obra de Darcy Ribeiro, se as personagens não são de fato históricas, com existência comprovável, são baseadas em um povo que realmente existiu e que teve sua existência violada pela invasão física, intelectual e cultural portuguesa, sendo assim,



“[...] aprendemos que não há lugar para nós no mundo caraíba, senão lugares que nem bichos suportariam.” (RIBEIRO, 2007, p. 182).

Nesse sentido, a perspectiva que se explica na análise da obra *Maíra* conforme possui traços de obras pós-modernas que vai além do texto ficcional, pois, ao preencher as lacunas da história oficial com a ficção e a identificação cultural, Darcy Ribeiro propõe uma leitura alternativa, propondo a volta ao passado destacando a cosmogonia *mairum*, entre outras tantas “verdades” que poderiam ser apresentadas, mas foram silenciadas por uma única “verdade absoluta”.

Portanto, ao buscar outras verdades que destoam da História oficial, percebemos que autores contemporâneos assim como Darcy Ribeiro procuram transferir a voz do centro empoderado aos indivíduos esquecidos historicamente, destacando, em *Maíra*, a perspectiva narrativa do ponto de vista indígena e não do europeu. Desta maneira, a releitura pode representar aquilo que afirma Stuart Hall: “Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas.” (HALL, 2003, p. 30).

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. EbooksBrasil, 2001.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Obras completas. Portugal: Editora Lisboa: 1967.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Scovik; trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth e GIMENES, Renato A. O. (orgs) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP/ IFCH, 2000.



HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JUNIOR, Robert Daibert; DAIBERT, Bárbara Inês Ribeiro Simões. *Entre os Restos e o Vento: o anjo da História e outras narrativas possíveis*. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades. nº 9, Nov. 2011/Abr. 2012, p. 1-10.

O'BRIEN, Patricia. A História da Cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jathey. *O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura*. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

_____, Sandra Jathey. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

_____, Sandra Jathey. *História & literatura: uma velha-nova história*, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em:

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. Um romance dos índios e da Amazônia. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Uma Literatura nos Trópicos: Ensaio sobre a Dependência Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2a. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.